

O DIÁLOGO ENTRE CATÓLICOS E PENTECOSTAIS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO ENCRISTUS

André Luís da Rosa¹

RESUMO

O diálogo entre católicos e pentecostais-carismáticos apresenta-se como um dos principais desafios ecumênicos no Brasil. Em busca de ser uma resposta para este desafio, há 10 anos, desde 2008, surgiu o movimento ENCRISTUS (*Encontro de Cristãos em Busca da Unidade e da Santidade*), que tem como objetivo realizar encontros de ecumenismo espiritual entre católicos e pentecostais. A pesquisa foi desenvolvida na área das Ciências das Religiões, por isso, não preocupou-se em realizar uma reflexão teológica sobre o diálogo católico-pentecostal, mas apenas uma análise do movimento ENCRISTUS enquanto fenômeno religioso. Assim, na primeira parte deste artigo, apresentar-se-á as questões referentes à origem e visão do ENCRISTUS e, na segunda parte, se analisará essas iniciativas à luz da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas e da noção de dialogicidade de Paulo Freire. Para tanto, esta parte da pesquisa foi realizada principalmente por meio de entrevistas com as principais lideranças católicas e evangélicas do ENCRISTUS.

Palavras-chave: ENCRISTUS. Catolicismo. Pentecostalismo. Diálogo.

INTRODUÇÃO

O diálogo entre católicos e pentecostais-carismáticos apresenta-se como um dos principais desafios ecumênicos no Brasil. Em busca de ser uma resposta para este desafio, há 10 anos, desde 2008, surgiu o movimento ENCRISTUS (*Encontro de Cristãos em Busca da Unidade e da Santidade*), que tem como objetivo realizar encontros de ecumenismo espiritual entre católicos e pentecostais. Para analisar este movimento, a primeira parte deste artigo tem por objetivo fundamentar uma noção de diálogo. Para isso, apresenta-se sinteticamente a teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas e a noção de dialogicidade de Paulo Freire. Estes conceitos não estão ligados diretamente ao estudo da religião, mas serão aqui utilizados como ideias norteadoras para avaliar e compreender o diálogo entre católicos e pentecostais no ENCRISTUS. No segundo momento, se apresentará um breve histórico do movimento ENCRISTUS, que reúne lideranças de comunidades carismáticas católicas, da Renovação Carismática Católica e de igrejas e ministérios pentecostais independentes. Esse movimento possui como objetivo unir as expressões cristãs que vivenciam em suas comunidades a

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Bacharel em Filosofia pela Faculdade São Luiz. Membro da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais – Núcleo Brasil (RELEP). Contato: andredarosa@hotmail.com

experiência do batismo no Espírito Santo para orarem juntos. Por fim, para analisar as conquistas ecumênicas do ENCRISTUS e suas perspectivas de futuro, foram realizadas algumas entrevistas² com suas lideranças.

1 O CONCEITO DE DIÁLOGO A PARTIR DE JÜRGEN HABERMAS E PAULO FREIRE

José Maria Monteoliva reflete que considera muito pobre as definições dos dicionários para o diálogo, que o definem apenas como comunicação, discussão e exposição de ideias, pois tais ideias pressupõem apenas a exposição de verdades intocáveis. Para ele, o diálogo deve ser uma atitude bem mais profunda, que é a suspeita de que minha opinião, que acredito ser verdade, não seja tão verdadeira assim, podendo mudar, e a aceitação de que o outro que dialoga comigo pode contribuir com novos dados e perspectivas.³ Nesta direção, apresentar-se-á agora duas noções de diálogo, a de Jürgen Habermas, provinda da filosofia, e a de Paulo Freire, surgida a partir de sua experiência com a educação popular.

Habermas propõe um modelo ideal de ação comunicativa, em que as pessoas interagem e, por meio da utilização da linguagem, em igualdade de condições para expressarem-se e para produzir opiniões pessoais, organizam-se socialmente, buscando o consenso de uma forma livre de toda coação externa e interna.⁴ Habermas define a ação comunicativa (ação orientada ao entendimento) em oposição à ação estratégica (ação orientada ao êxito). Com relação à linguagem, na ação estratégica ela se limita a instrumento de transmissão de informações, na ação comunicativa aparece como fonte de integração social, geradora de entendimento.⁵ Com relação aos mundos da vida e do sistema, a ação estratégica está relacionada à lógica do mundo do sistema, pois é impessoal, já a ação comunicativa está relacionada ao mundo da vida, pois trata de relações pessoais, simbólicas e mediadas linguisticamente.⁶ Assim, Habermas entende uma ação como comunicativa

quando os planos de ação dos atores envolvidos são coordenados não por meio de cálculos egocêntricos do êxito que se quer obter, mas por meio de atos de

² *Entrevista* não é uma simples conversa. É conversa orientada para um objetivo definido: recolher, por meio do interrogatório do informante, dados para a pesquisa. Cf. CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. p. 46.

³ Cf. MONTEOLIVA, José Maria. *O diálogo: para a construção do novo homem numa sociedade democrática*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 11-12.

⁴ Cf. GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. *Educação e sociedade*. Campinas: UNICAMP, a. XX, n. 66, p. 125-140, 1999. p. 133.

⁵ Cf. BASTOS, Carolina Vieira R. de A; OLIVEIRA, Simone Vinhas. Ação comunicativa e ação dialógica: contribuições para uma educação libertadora. *Aprender: caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, Vitória da Conquista, a. IV, n. 7, p. 119-134, 2006. p. 124.

⁶ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária comunicativa*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011. p. 21.

entendimento. No agir comunicativo os participantes não se orientam em primeira linha pelo êxito de si mesmos; perseguem seus fins individuais sob a condição de que sejam capazes de conciliar seus diversos planos de ação com base em definições comuns sobre a situação vivida. De tal forma, a negociação sobre as definições acerca da situação vivida faz-se um componente essencial das exigências interpretativas necessárias ao agir comunicativo.⁷

Em outras palavras, resumidamente, José Marcelino de Rezende Pinto explica:

a ação comunicativa sugere, como uma interação de, no mínimo dois sujeitos, capazes de falar e agir, que estabelecem relações interpessoais com o objetivo de alcançar uma compreensão sobre a situação em que ocorre a interação e sobre os respectivos planos de ação com vistas a coordenar suas ações pela via do entendimento.⁸

Desta forma, a ação comunicativa, como forma de mecanismo da coordenação das ações baseadas na intersubjetividade do entendimento linguístico vai acarretar a total ausência de coerção, já que as posições assumidas deverão levar em conta a possibilidade de que venham a ser contestadas pelos demais, devendo provar-se por suas pretensões de validade, por meio de argumentos racionais, e não por qualquer influência externa ou pelo uso da força. Esse tipo de ação social, dessa forma, assume um caráter emancipatório, pois, na medida em que os homens pensam, falam e agem coletivamente de forma racional, estão se libertando não só das formas de conceber o mundo e a si impostas pela tradição, como das formas de poder hipostasiadas pelas instituições. Por isso, a ação comunicativa torna-se uma maneira de combater o dogmatismo, a dominação social, enfim, qualquer forma de coação interna ou externa imposta aos sujeitos falantes e agentes.⁹

Contrária à ação comunicativa, a ação estratégica está fundamentada em uma posição egocêntrica, pois, para Habermas, “os atores estão exclusivamente orientados para o sucesso [...] eles tentam alcançar os objetivos de sua ação influenciando externamente, por meio de armas ou bens, ameaças ou seduções”.¹⁰ Assim, a ação estratégica fundamenta uma sociedade com instituições fortes e verdades descritas em tom metafísico, influenciando sobre os planos de ação, onde até mesmo o uso da violência é justificado para fazer valer a única interpretação tida como possível. Esta lógica busca favorecer o interesse de atores individuais ou institucionais que impõem seus planos de ação, reduzindo o outro a um instrumento para chegar aos seus objetivos.¹¹

Quanto a noção de dialogicidade de Paulo Freire, este é um conceito fundamental em sua pedagogia, pois, segundo Leonardo Boff: “toda a pedagogia de Paulo Freire é uma

⁷ HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo*: 1. Racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a. p. 496.

⁸ PINTO, José Marcelino de Rezende. A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. *Paidéia*, Ribeirão Preto, fev./ago., p. 77-96, 1995. p. 80.

⁹ Cf. ARAGÃO, 2006, p. 54-55.

¹⁰ HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 164.

¹¹ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Teologia pentecostal dialógica. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 24.

permanente dialogação das pessoas entre si e de todas com a realidade circundante em vista de sua transformação”.¹² Porém, ele apresenta em sua obra o diálogo como um fenômeno humano, dizendo que “o diálogo é uma exigência existencial”,¹³ podendo, então, ser aplicado a outras realidades humanas. Segundo Maria de Jesus dos Santos, o diálogo em Freire possui os seguintes pressupostos básicos: a autossuficiência é incompatível com o diálogo, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há pessoas que se encontram e buscam saber mais, portanto, é necessário deslocar-se, dar um salto, sair da moldura da autoridade.¹⁴ Ele também defende que o diálogo se dá entre diferentes, nunca entre antagônicos. Entre estes o máximo que pode haver é um pacto. Por exemplo, no caso de opressores e oprimidos, onde o opressor vai justificar os motivos pelos quais considera justo oprimir, ao passo que o oprimido vai apresentar os motivos pelos quais considera justo não ser mais oprimido. Dentro de um contexto como este, torna-se impossível o diálogo, pois cada um irá conduzi-lo para direções opostas. Entre diferentes, contudo, apesar da diferença entre eles, os objetivos podem ser os mesmos.¹⁵

Um dos principais conceitos para se compreender a dialogicidade em seu pensamento, que é o ser humano como inacabado, como inconcluso. A antropologia de Freire concebe o sujeito sempre em construção, fundamentada na consciência do inacabamento, como algo próprio da experiência vital.¹⁶ E, o inacabamento, para Freire, pressupõe uma intersubjetividade com a diversidade dos outros:

na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em um movimento de busca. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros.¹⁷

Então, se o ser humano nunca está pronto, acabado, ele é um ser histórico, que se constitui em sua trajetória, e, é o diálogo que produz a história,¹⁸ como afirma Freire: “o diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e ninguém possui iniciativa absoluta. [...] O diálogo não é um produto histórico, é a própria historiarização”.¹⁹ Por isso, no processo de construção dos sujeitos, o diálogo é mais que o

¹² BOFF, Leonardo. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia de esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p. 9.

¹³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. p. 109.

¹⁴ Cf. SANTOS, Maria de Jesus dos. A dialogicidade no pensamento de Paulo Freire e de Hans Georg Gadamer e implicações na cultura escolar brasileira. *Cadernos do PET filosofia*. Teresina: UFPI, v. 5, n. 10, p. 1-11, jul-dez, 2014. p. 6.

¹⁵ Cf. SANTOS, Noêmia. *Por uma educação libertadora: pedagogia dialógica a partir de Paulo Freire e Juan Luis Segundo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 51.

¹⁶ Cf. ROSA, Nilson Carlos da. Freire e Habermas: contribuições à reflexão da práxis educativa na contemporaneidade. In: IX Seminário Nacional Diálogos com Paulo Freire: Utopia, Esperança e Humanização, 2015. p. 5.

¹⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 57-58.

¹⁸ Cf. ROSA, 2015, p. 6.

¹⁹ FREIRE, 2015, p. 22.

encontro dos homens, mas se impõe como o caminho pelo qual os homens ganham significação como homens.²⁰

Por isso, para ele, não é no silêncio que as pessoas se fazem, mas na *palavra*. Este conceito é essencial para a noção de dialogicidade de Freire, pois a palavra possui duas dimensões: ação e reflexão; que estão unidas radicalmente, pois, para Freire, não há palavra verdadeira que não seja práxis.²¹ Então, o diálogo não é só um encontro de dois sujeitos que buscam apenas o significado das coisas (o saber), mas um encontro que se realiza na práxis (ação + reflexão), no engajamento, no compromisso com a transformação social. Dialogar não é trocar ideias. O diálogo que não leva à ação transformadora é puro verbalismo. Assim, o pensamento de Paulo Freire tem uma relação direta com a realidade.²² O diálogo supõe transformação. Mas, não há transformação pacífica. Ela é sempre conflituosa. É sempre ruptura com alguma coisa: preconceitos, hábitos, comportamentos, entre outros.²³

Paulo Freire também estabelece alguns elementos que considera essenciais para que se estabeleça um diálogo sincero. Estes se encontram elencados na *Pedagogia do oprimido* da seguinte maneira: 1º- *Amor*: não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo; 2º- *Humildade*: não há diálogo se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os seres humanos o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. A autossuficiência é incompatível com o diálogo; 3º- *Fé nos seres humanos*: não há também diálogo se não há uma intensa fé nos seres humanos. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas de todos os seres humanos; 4º- *Confiança*: ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos humanos, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo; 5º- *Esperança*: também não existe diálogo sem esperança. Ela está na própria essência da imperfeição humana, levando-nos a uma eterna busca. Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero; 6º- *Pensar crítico*: este é o pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante devir e não como algo estático. Assim, para o pensar ingênuo, o importante é a acomodação a este hoje normalizado. Para o crítico, a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização das pessoas.²⁴

²⁰ Cf. BASTOS, 2006, p. 129.

²¹ Cf. FREIRE, 2015, p. 107.

²² Cf. SOARES, Eder. *A dialogicidade freiriana na educação de jovens e adultos*. 2006. 180 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006. p. 40.

²³ Cf. SOARES, 2006, p. 41.

²⁴ Cf. FREIRE, 2015, p. 110-115.

2 O MOVIMENTO ENCRISTUS: HISTÓRICO E VISÃO

Os esforços por um diálogo católico-pentecostal no Brasil surgiram tendo como inspiração iniciativas internacionais que tiveram início com o movimento da Renovação Carismática Católica (RCC), nos EUA. E todos os estudiosos da questão do diálogo católico-pentecostal concordam em dizer que a RCC é o meio privilegiado para o encontro entre católicos e pentecostais, pois ambos partilham das mesmas características em sua experiência religiosa, especialmente a crença no batismo no Espírito Santo. Assim, mesmo a RCC no Brasil hoje sendo um dos movimentos mais intolerantes e fechados ao ecumenismo da Igreja Católica, desde 2008 alguns membros dela e de comunidades de vida carismáticas começaram a sentir o desejo de resgatar este aspecto originário do movimento e começaram a surgir alguns esforços de unidade, por meio de encontros de ecumenismo espiritual.

Os três grandes movimentos de ecumenismo espiritual entre católicos e pentecostais que inspiraram o ENCRISTUS foram o *Unithed in Cristh*, o *Kairós* e o *CRECES*. O *Unithed in Chisth* acontece na América do Norte, coordenado pela Comunidade Alleluia, uma comunidade carismática ecumênica.²⁵ O *Kairós* acontece na Itália e teve como pioneiros o missionário católico Matteo Calisi, fundador da Comunidade de Jesus, e o pastor pentecostal Giovanni Traetino, da Igreja Pentecostal da Reconciliação.²⁶ Esta foi a primeira igreja pentecostal visitada por um Papa na história, quando em 2015 o Papa Francisco lá esteve e até se pronunciou durante um culto da comunidade. E a *CRECES* (*Comunió Renovada de Evangélicos e Católicos en el Espíritu Santo*) que acontece na Itália e teve origem com os contatos entre Matteo Calisi e o pastor Jorge Himitian, da igreja pentecostal *Comunidad Cristiana*. Um dos eventos marcantes da *CRECES* foi a participação do então arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mário Bergoglio, o Papa Francisco, que orientava e pregava nos encontros.²⁷

Como vimos, em todas estas plataformas de diálogo está na origem a figura de Mateo Calisi, pois ele é a maior liderança ecumênica do movimento carismático católico e, junto com o pastor Traetino, o pioneiro deste atual movimento ecumênico espiritual entre católicos e pentecostais. Também no Brasil, o ENCRISTUS surgiu sob sua influência. Em 2006 ele relata que sentiu um chamado de Deus para implantar a sua comunidade, a Comunidade de Jesus, no

²⁵ Cf. IERULLO, Bruno. O fluir do Espírito na unidade do corpo. In: ENCRISTUS (Regional Sorocaba). *Unidade como fruto do Espírito*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2015. p. 3.

²⁶ Cf. ENCRISTUS. Diálogo católico-pentecostal: encontro de Lavrinhas 2008. Teologia em Questão. Faculdade Dehoniana: Taubaté, a. 7, n. 14, p. 95-122, 2008. p. 98.

²⁷ Cf. ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo?. *Religião e sociedade*. ISER: Rio de Janeiro, n. 33, p. 122-144, 2013. p. 128-129.

Brasil. Dom Felippo, bispo do Rio de Janeiro na época, também Italiano de Bari, Cidade de Calisi, sugeriu-lhe para instalar sua comunidade no Rio de Janeiro e difundir ali o ecumenismo espiritual. Dom Felippo, então, o apresentou a Dóris, fundadora da Comunidade Bom Pastor, RJ, porque sua comunidade também valoriza o ecumenismo.²⁸

A primeira visita de Matteo Calisi ao Brasil foi considerada como o fato histórico profético que deu origem ao ENCRISTUS e é constantemente lembrado pelos seus participantes. Segundo o relato de José Carlos Marion:

o professor Matteo Calisi, leigo, de Bari, Itália, desde jovem teve o chamado para o ecumenismo espiritual. Fundou a Comunidade de Jesus, hoje em vários países no mundo, sendo que seu principal carisma (dom) é a unidade. Apesar dos vários convites para iniciar essa comunidade católica no Brasil, só sentiu direção de Deus quando Dom Filippo Santoro, bispo do Rio de Janeiro na época, também italiano de Bari, convidou-o oficialmente para vir ao Brasil. Em 2006 o professor Matteo Calisi veio ao Brasil com alguns missionários (Nicola Casiello, Carmela Venditti, Elisabetta Larusso) para sondar o propósito de Deus em relação ao ecumenismo. Seu primeiro contato foi com a Comunidade Canção Nova, que faz parte da Fraternidade Católica (que coordena as Novas Comunidades Carismáticas Católicas). Atualmente, Matteo é o presidente da Fraternidade Católica. O padre Jonas Abib, fundador da Canção Nova em Cachoeira Paulista, SP, recepcionou, de 5 a 6 de novembro daquele ano, além de Matteo e os missionários, o bispo Tony Palmer e o arcebispo Sean Larkin (ambos da Igreja Anglicana), além do pastor não denominacional Alan Fonseca. Na celebração no templo da Canção Nova, televisionado para todo o país, diante de 70 mil pessoas presentes, o pastor tomou a iniciativa de pedir perdão pela divisão da igreja cristã e manifestou o desejo de lavar os pés dos padres e bispos. Houve um silêncio, e a bacia com água foi preparada. Os pés do padre Jonas, do bispo Dom Tavares e de Matteo foram lavados. Em seguida, os irmãos católicos, igualmente, pediram perdão e lavaram os pés de todos irmãos de outras denominações cristãs. Houve um silêncio total, e as pessoas presentes relataram que podia-se sentir a presença do Espírito Santo de forma marcante. Uma primeira lição do Espírito se aprendia naquele momento: para alcançar a unidade, primeiro se lavam os pés e, depois, senta-se à mesa. Este é o ensinamento de Jesus em João 13. Não funciona primeiro sentar-se à mesa, pensar em ceia ou comunhão antes do arrependimento, do perdão, de lavar os pés.²⁹

Neste evento estavam presentes os católicos Izaías Carneiro, Angela De Bellis e Iete Aleixo, que depois tornaram-se lideranças ativas do ENCRISTUS.³⁰ Uma delas, Angela De Bellis, sentiu o desejo de iniciar a Comunidade de Jesus, de Matteo Calisi, no Brasil. Em março de 2007, Angela conheceu a Comunidade de Jesus em Bari, Itália, e começaram os processos para implantá-la no Brasil. Após Matteo Calisi conhecer o padre Marcial Maçaneiro, na época assessor da CNBB para o ecumenismo, foi marcado um encontro para 15 de novembro de 2007, no qual estiveram presentes católicos e pastores. Esse núcleo marcou um novo encontro para Lavrinhas, MG, em 2008, onde estiveram reunidas 177 pessoas, entre evangélicos pentecostais

²⁸ MARION, José Carlos. Os esforços pela unidade da Igreja ao redor do mundo. In: ENCRISTUS (Regional Sorocaba). *Bênção e vida na unidade*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2014. p. 32.

²⁹ MARION, José Carlos; MARION, Márcia Maria Costa. *Reconciliação, o segundo toque: a unidade do corpo de Cristo e a nova evangelização*. 2. ed. Americana: Impacto Publicações, 2014. p. 159.

³⁰ Cf. MARION, José Carlos. *Um só corpo, um só Espírito, um só Senhor*. Americana: Impacto Publicações, 2016. p. 89.

e católicos, de 21 confissões cristãs³¹ e diversos assessores das denominações,³² originando o ENCRISTUS.³³ Evento este que foi apoiado oficialmente pela CNBB, até mesmo com a publicação de uma carta de convite.³⁴ Daquele primeiro encontro, surgiu um Grupo de

³¹ *Movimentos e novas comunidades católicas*: Comunidade Adorai (Varginha, MG); Comunidade Aliança de Misericórdia (Rio de Janeiro, RJ); Comunidade Bom Pastor (Rio de Janeiro, RJ); Comunidade Canção Nova (Cachoeira Paulista, SP); Comunidade Coração Novo (Rio de Janeiro, RJ); Comunità di Gesù (Bari, Itália); CRECES Argentina (Buenos Aires, Argentina); Movimento dos Focolari (Mariápolis, SP); Mutirão Internacional “Restaura-me” MIR (São Paulo, SP); Rinnovamento Carismatico Cattolico (Itália); Renovação Carismática Católica (Brasil); The Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships. / *Ministérios e novas comunidades evangélicas*: Aliança Missionária de Discípulos (Rio de Janeiro, RJ); Comunidade Atos (Rio de Janeiro, RJ); Comunidade Carisma (Osasco, SP); Comunidade “Inseridos em Cristo” (Brasil); Comunicação & Missão Cristã (Bauru, SP); Comunidade Cristã Missionária (Jundiá, SP); Kingdom Builders Global (Califórnia, USA); Ministério com Pastores (Brasil); Projeto Pastores de Misericórdia (São Paulo, SP); The Ark Community (England, UK). / *Confissões cristãs*: Iglesia Pentecostal Comunidad Cristiana (Concepción, Chile; Buenos Aires, Argentina); Igreja Batista (Taubaté e S. Paulo, SP); Igreja Católica (Brasil); Igreja do Evangelho Quadrangular (Caçapava, SP); Igreja Evangélica Amor e Vida (Rio de Janeiro, RJ); Igreja Evangélica Anglicana (Evangelical Episcopal Church, UK); Igreja Evangélica Menonita (Valinhos, SP); Igreja de Jesus (Salvador, BA); Igreja Pentecostal Assembléia de Deus - Madureira (Rio de Janeiro, RJ); Igreja Pentecostal Assembléia de Deus - Missão (Pindamonhangaba, SP); Igreja Presbiteriana Unida IPU (Rio de Janeiro, RJ); Igreja Missão Apostólica (Taubaté, SP).

³² *Representações em destaque*: Pastor Abílio Pinheiro Chagas – Comunidade Comunicação & Missão (Brasil); Pastor Anésio Rodrigues – Comunidade Carisma (Brasil); Pe. Antonello Cadeddu – Projeto “Pastores de Misericórdia” (Brasil); Sr^a Ângela De Bellis – Comunità di Gesù (Brasil e Itália); Sr^a Carina Crupi Scafuro – Coordinación CRECES Buenos Aires (Argentina); Pe. Carlo Colonna SJ – Rinnovamento Carismatico Cattolico (Itália); Pastor Cristián Romo Jiménez – Comunidad Cristiana (Chile); Pastora Diva Chagas – Igreja do Evangelho Quadrangular (Brasil); Sr^a Doris H. de Carvalho – Fundadora da Comunidade Bom Pastor (Brasil); Pe. Gabriele Cipriani – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Brasil); Sr^a Iete Aleixo – Secretária geral da Comunidade Bom Pastor (Brasil); Sr. Izaías de S. Carneiro – Fundador da Comunidade Coração Novo (Brasil); Pastor Jamê Nobre – Comunidade Cristã Missionária (Brasil); Pastor Jorge Himitian Comunidad Cristiana e CRECES (Argentina); Bispo José Adimar Lopes – Igreja Metodista Wesleyana (Brasil); Pe. José Carlos Stoffel CPM – Comissão de Diálogo Regional Sul 1 CNBB; Sr. Matteo Calisi – Fundador da Comunità di Gesù (Itália), Presidente da The Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowship; Sr. Pino Scafuro – Coordinación CRECES Buenos Aires (Argentina); Pastor Reinaldo Bergamini – Presidência da Igreja Pentecostal Livre (Brasil); Sr. Reinaldo Beserra dos Reis – Coordenação Estadual RCC-SP (Brasil); Pastor Sebastião Bertolino – Igreja Pentecostal Assembléia de Deus (Brasil); Pastor Sérgio Franco - Aliança Missionária de Discípulos (Brasil); Bispo Welly Ferreira Sierra – Presidência da Igreja do Evangelho Pleno (Brasil). / *Delegados e assessores episcopais*: Rev. Anthony Palmer – Advisor for ecumenical dialog at the Communion of Evangelical Episcopal Churches CEEC (tradição anglicana); Sr. Émerson R. Reis – Assessor do Bispo Manoel Ferreira, Presidente da Igreja Pentecostal Assembléia de Deus – Madureira (Rio de Janeiro RJ e Brasília DF); Pbro. Fernando Giannetti – Secretário executivo para ecumenismo e diálogo interconfessional da Conferência Episcopal Argentina CEA (Igreja Católica); Pe. Hélio Pacheco – Delegado de Dom Eusébio O. Scheid SCJ, cardeal arcebispo da Arquidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro, RJ (Igreja Católica); Dr. Pe. Marcial Maçaneiro SCJ – Assessor para o diálogo ecumênico e inter-religioso da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil CNBB (Igreja Católica). / *Bispos*: Dom Benedito Beni dos Santos – Bispo diocesano de Lorena SP e membro da Comissão Episcopal Pastoral para Doutrina da Fé, CNBB (Brasília); Dom José A. Moura – Arcebispo de Montes Claros MG e Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso, CNBB (Brasília); Most Rev. Bishop Alan Fonseca – The Non-Denominational Church (Califórnia, USA) e participante do diálogo católico-pentecostal nos Estados Unidos.

³³ Cf. MARION, 2014, p. 161-162.

³⁴ Trechos da carta da CNBB: Prezados irmãos e irmãs, das Dioceses, Movimentos e Comunidades católicas: Fiéis à oração de Jesus (cf. Jo 17,21) e acolhendo as orientações da Igreja na encíclica *Ut unum sint* e, mais recentemente, no *Documento de Aparecida*, recebemos com alegria o convite para participar do “1º Encontro de Irmãos Evangélicos e Católicos” (Lavrinhas, SP – 30 de abril a 01 de maio 2008). O evento é promovido pela ação conjunta de Novas Comunidades católicas e representantes pentecostais. Do lado católico, temos o Sr. Matteo Calisi (*Comunità di Gesù*, Itália), a Sra. Doris Hoyer de Carvalho (*Comunidade Bom Pastor*, Rio de Janeiro) e o Sr. Izaías de Souza Carneiro (*Comunidade Coração Novo*, Rio de Janeiro). O monsenhor Jonas Abib oferece a hospitalidade da Comunidade Canção Nova, como anfitrião. Superando décadas de distância, estes irmãos e irmãs sentiram profundamente o apelo do Senhor ao testemunho comum e discerniram que era o momento de reunir-se, para orar e ouvir a Palavra de Deus. Será um primeiro passo desse tipo no Brasil, semelhante ao que tem acontecido

Animadores e uma Equipe de Serviço com presença católica e evangélica paritária e o evento tem acontecido anualmente.³⁵

Segundo o site oficial do ENCRISTUS, seu objetivo é:

o ENCRISTUS favorece o encontro de evangélicos e católicos, que desejam buscar a santidade e a unidade fraternalmente, movidos pela efusão do Espírito Santo que experimentam em suas Comunidades. Este encontro tem um sentido espiritual, discipular, bíblico e apostólico. Não se trata de uma “comissão” interconfessional, nem de uma instância representativa dos dirigentes das Comunidades participantes – embora algumas se fazem representar por presidentes, bispos ou delegados oficiais. Trata-se, sobretudo, de um encontro de irmãos e irmãs que se reconhecem chamados pelo Senhor Jesus Cristo a uma vida de santidade e unidade, conforme o Evangelho.³⁶

E, também segundo seu site oficial, a teologia do ENCRISTUS está baseada em sete princípios, que são: o princípio *crístocêntrico*: nenhuma das Comunidades pretende confundir-se ou absorver-se reciprocamente, mas convergir em Cristo Senhor, partilhando como irmãos o discipulado do Evangelho. O *Fraterno*: os participantes do ENCRISTUS se reconhecem como irmãos e discípulos do mesmo Senhor (cf. Jo 13,35). Por isso os encontros são marcados pela escuta do Evangelho, valorização do que a graça divina tem feito em cada pessoa, adoração e testemunho comum. O *Bíblico*: é a Palavra de Deus os convida a viverem congregados em torno de Jesus, como ramos unidos ao tronco (cf. Jo 15, 16-17; Rm 12). O *Batismo*: concordam fundamentalmente que o batismo é um sacramento e ordenança do próprio Jesus, celebrando com água, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf. Mt 28,19). O *Espiritual*: o ENCRISTUS é um caminho que deve ser trilhado no Espírito de Cristo (cf. 1Cor 12,4). O mesmo Espírito Santo que ungiu e congregou no único Senhor Jesus, antecipando na oração e na amizade a unidade plena que espera-se viver um dia (cf. 1Cor 12,13). O *Apostólico*: como

na Itália (Bari) e na Argentina (Buenos Aires) – sempre sob o olhar pastoral dos Bispos católicos. [...] Convidamos você e sua Comunidade a orar e discernir o convite, como fizemos nós, com fé e coração generoso. Esperamos encontrá-lo em Lavrinhas! Cf. MAÇANEIRO, Marcial. *Pai... que todos sejam um*: 1º encontro de irmãos evangélicos e católicos de Lavrinhas (Brasil) – 30 abril - 01 maio 2008; memória e discernimento. Disponível em: <[³⁵ ENCRISTUS 2008: Tema: *Livre, com testemunhos diversos*; em Lavrinhas, SP, 30 de abril e 01 de maio de 2008. / ENCRISTUS 2009: Tema: *Jesus e o Mistério da Igreja*; em Mariápolis, SP, de 16 a 18 de outubro de 2009. / ENCRISTUS 2010: Tema: *Trindade, Lugar de Unidade e Serviço*; no Rio de Janeiro, RJ, de 20 a 22 de agosto de 2010. / ENCRISTUS 2011: Tema: *Curados no Corpo de Cristo*; em Pouso Alegre, MG, de 5 a 7 de agosto de 2011. / ENCRISTUS 2012: Tema: *Acolhidos no Corpo de Cristo \(1 Pedro 2.7-11\)*; em Sorocaba, SP, de 24 a 26 de agosto de 2012. / ENCRISTUS 2013: Tema: *Pai Nosso \(Mateus 6.9-13\)*; em Sorocaba, SP, de 23 a 25 de agosto de 2013. / ENCRISTUS 2014: Tema: *Ele pôs em nossos lábios a palavra da Reconciliação \(2 Coríntios 5:18-20\)*; em Cachoeira Paulista, SP, de 14 a 16 de março de 2014. / ENCRISTUS 2014 \(REGIONAL SÃO PAULO\): TEMA: *Bênção e Vida na Unidade \(Salmos 132 ou 133\)*; Sorocaba, SP, de 22 a 24 de agosto de 2014. / ENCRISTUS 2014 \(REGIONAL RIO DE JANEIRO\): Tema: *Solícitos em conservar a unidade no vínculo da paz \(Efésios 4:3\)*; Rio de Janeiro, RJ, 18 e 19 de outubro de 2014. / ENCRISTUS 2015 \(REGIONAL RIO DE JANEIRO\): Tema: *Batizados no Amor que gera a Unidade*; em Niterói, RJ, 21 de março de 2015. / ENCRISTUS 2015 \(REGIONAL SÃO PAULO\): Tema: *Unidade como fruto do Espírito \(Gálatas 5:16-26\)*; em Sorocaba, SP, 29 e 30 de agosto de 2015. / ENCRISTUS 2016: Tema: *Unidade do Espírito pelo vínculo da paz \(Efésios 4: 3\)*; em Valinhos, SP, 27 e 28 de agosto de 2016.](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjABahUKEwic0Ln17uPIAhVHlx4KHfQ6Az4&url=http%3A%2F%2Fcombopastor.com.br%2Fsite%2Fdoc%2FMem%25C3%25B3ria%2520e%2520discernimento.doc&usq=AFQjCNFruazUimkMaqp4idZzwdajXZh8bQ&sig2=FOYK59uuwjNvZgpWDfveZw>. Acesso: 27 jun. 2017.</p></div><div data-bbox=)

³⁶ ENCRISTUS. *Encontro de Cristão na Busca de Unidade e Santidade*. Disponível em: <<http://www.enclistus.com.br/dinamic/jupgrade/index.php/enclistus-o-que-e>>. Acesso: 07 maio 2017.

crentes e discípulos, consideram-se herdeiros da fé apostólica manifestada nos inícios da Igreja Cristã. E o *Eclesial*: o ENCRISTUS é eclesial, pois reconhecem-se como membros do Corpo de Cristo, remidos na sua morte e ressurreição e vinculados mutuamente pelo Espírito Santo, pelo Batismo e pelo o amor fraterno (cf. Rm 12).³⁷

Outros eventos de oração ecumênicos para católicos e pentecostais também estão sendo realizados, porém todos estão ligados ao ENCRISTUS e possuem as mesmas lideranças. Ou seja, são encontros diferentes, mas com os mesmos atores e mesmo objetivo, o de promover o ecumenismo espiritual. Alguns deles são o *Congresso de Avivamento Somos Um*, da Comunidade Coração Novo,³⁸ os cultos ecumênicos mensais da Comunidade Bom Pastor, na Paróquia Nossa Senhora da Penha, RJ, e na paróquia de Frei Galvão, Vargem Grande Paulista, SP, do padre Douglas Pinheiro, e os cafés ecumênicos, em Jundiaí, SP, promovidos pela Igreja Cristã de Jundiaí.

3 O DIÁLOGO NO ENCRISTUS: CONQUISTAS E PERSPECTIVAS DE FUTURO

Para discutir sobre as conquistas e os desafios do ENCRISTUS no diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil, servir-se-á da noção de diálogo de Habermas e Paulo Freire, expostas no primeiro tópico, para analisar as respostas das entrevistas³⁹ realizadas com as principais lideranças do ENCRISTUS,⁴⁰ especialmente às questões das entrevistas que versaram sobre os avanços alcançados pelo movimento e resistências ainda encontradas por eles.⁴¹

³⁷ ENCRISTUS, acesso: 07 maio 2017.

³⁸ CARNEIRO, Izaías. Entrevista com Izaías Carneiro sobre a Conferência Somos Um. Disponível em: <http://m.issaosomosum.com.br/entrevista_izaias_carneiro/>. Acesso: 09 jul. 2017.

³⁹ Nos meses de fevereiro e março de dois mil e dezessete foram enviados vinte e-mails para as principais lideranças do ENCRISTUS, dentre eles os fundadores, os organizadores e os pregadores do evento, solicitando a participação em uma entrevista para esta pesquisa, que foi realizada para uma dissertação em Ciências das Religiões e aqui é apresentada parcialmente. Desses, treze colaboraram com a pesquisa, ou seja, a grande maioria das lideranças do ENCRISTUS. Sete não responderam o e-mail, mas todos os outros que responderam demonstraram grande disponibilidade e interesse por meu trabalho. Alguns me ajudaram conseguindo mais contatos, indicando leituras, enviando os anais do ENCRISTUS com as pregações transcritas. Outros ainda, com quem já mantinha contato desde 2016, me passaram até mesmo seus contatos pessoais, por meio dos quais estabelecemos diversas conversas sobre o tema do diálogo católico-pentecostal.

⁴⁰ Os entrevistados foram: 1- Iete Nanci Pinto Aleixo, consagrada da comunidade de vida católica Bom Pastor; 2- Pedro Arruda, não-denominacional; 3- Asaph Borba, cantor e compositor da igreja evangélica Comunidade Cristã de Porto Alegre; 4- Tácito José Andrade Coutinho, consagrado da comunidade de vida católica Javé Nissi; 5- Benedito Carlos Gomes, bispo evangélico da Igreja Nova de Barra da Tijuca; 6- Huanderson Silva Leite, consagrado da comunidade de vida católica Ruah Adonai; 7- José Carlos Marion, pastor evangélico da Igreja Cristã de Jundiaí; 8- Jamê Nobre, pastor evangélico da Igreja Cristã de Jundiaí; 9- Douglas Pinheiro, padre católico membro da RCC; 10- Reinaldo Beserra Reis, membro do Conselho Nacional da RCC; 11- Mike Shea, não-denominacional; 12- Christofer Walker, Igreja Evangélica Casa de Davi.

⁴¹ Neste artigo se analisará apenas as questões que trataram das conquistas e desafios para o ENCRISTUS, as outras respostas das entrevistas foram analisadas em minha dissertação de mestrado, defendida na Faculdade Unida de Vitória, com o título: *Um novo tempo? O diálogo católico pentecostal no Brasil* (2017).

Um fato que pode ser elencado como a primeira conquista do ENCRISTUS é o de reunir católicos e pentecostais em torno de um objetivo comum, o da unidade cristã. Isso se constata nas palavras de Mike Shea sobre o principal avanço do ENCRISTUS, quando diz: “o que eu estou observando é que o grande avanço é simplesmente se dispor pra estar no mesmo lugar e ter comunhão, adorar juntos. [...] Eu creio que o ENCRISTUS é um meio pelo qual nós podemos nos encontrar”,⁴² e nas palavras de padre Douglas Pinheiro: “um avanço conquistado são os encontros em si [...] a criação de espaços pra que cristãos de diversas igrejas cristãs se encontrem pra oração em comum é um grande avanço”.⁴³ Assim, os membros do ENCRISTUS cumprem o pressuposto da teoria da ação comunicativa habermasiana que sugere uma interação de, no mínimo dois sujeitos que interagem, são capazes de falar e agir, e, estabelecem relações interpessoais com o objetivo de alcançar uma compreensão sobre uma determinada situação.⁴⁴ Mas, vale ressaltar que a linguagem destes encontros é própria do movimento pentecostal-carismático, que se dá por meio da espiritualidade, da oração, que os difere de outros movimentos ecumênicos, como enfatiza padre Douglas: “no movimento ecumênico entre as igrejas históricas isso se sonhava, se almejava, mas acabava que esses encontros de oração se tornavam muito esporádicos. E com o ENCRISTUS nós temos feito com que esses encontros sejam cada vez mais frequentes”.⁴⁵ Os consensos prévios aos encontros, que de certa forma são os que viabilizam os eventos, e os que são gestados propriamente nos encontros ecumênicos do ENCRISTUS têm se mostrado capazes de produzir uma convivência duradoura e fraterna.

Também deve-se enfatizar que, para que aja uma ação comunicativa, os sujeitos devem estar buscando o consenso de uma forma livre de toda coação externa e interna,⁴⁶ e deve ser uma ação orientada ao entendimento, em oposição à ação estratégica, que é orientada ao êxito de uma das partes do diálogo.⁴⁷ Quanto a esse ponto, encontramos na fala de Reinaldo Beserra que o ENCRISTUS possui esse claro objetivo de busca de consenso, de compreensão entre seus participantes, sem tentativas de uma ação estratégica:

a gente vem convivendo num crescente amor e respeito pela identidade do outro. Nunca ocorre o menor resquício de proselitismo, de querer levar um daqui pra lá, de lá pra cá. Nós não temos no nosso grupo nômades na fé, todos nós temos uma clara consciência da nossa identidade e não abrimos mão dela. Então, o ENCRISTUS não é lugar para quem está indefinido na fé, não, ali são pessoas bem definidas. Então quanto mais a gente conhece o outro, mais a gente valoriza o outro, mais a gente quer

⁴² SHEA, Mike. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 19 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁴³ PINHEIRO, Douglas. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 04 maio 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁴⁴ PINTO, 1995, p. 80.

⁴⁵ PINHEIRO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁴⁶ Cf. GONÇALVES, 1999, p. 133.

⁴⁷ Cf. BASTOS, 2006, p. 124.

estar com o outro. [...] A gente até conversa sobre pontos divergentes, mas nunca é para discutir não, é para entender melhor.⁴⁸

Um outro ponto tratado pelos participantes do ENCRISTUS foi o amor. Para Paulo Freire não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos seres humanos. Segundo ele, sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na dominação. Ao contrário, o amor é compromisso com a causa das pessoas oprimidas, pois é ato de liberdade, não podendo ser pretexto de manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade.⁴⁹ Reinaldo Beserra, sobre a prática do amor no ENCRISTUS afirma: “outros pensam que é necessário primeiro resolver todas as questões doutrinárias para somente depois conviver com os diferentes, somente depois amar-se. Nós não, nós resolvemos primeiro amar-nos e seguirmos adiante e o Espírito Santo há de levar a bom termo as nossas iniciativas”.⁵⁰ Também Iete Aleixo afirma que o ecumenismo está essencialmente ligado ao amor: “o ecumenismo para mim é acima de tudo o local privilegiado para os cristãos se conhecerem e adorando o único e mesmo Deus, viverem o maior de todos os mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo”.⁵¹ E Bené Gomes diz que só o amor pode aproximar os cristãos:

acredito que seja o fato de focarmos nas diferenças doutrinárias. Sempre que se vai colocar a necessidade dessa unidade, as pessoas de ambos os lados ficam com um pé atrás, mas a medida que as experiências vão demonstrando que existe algo maior que nos une que é o amor de Cristo, as barreiras vão caindo.⁵²

Assim, levando em consideração os elementos acima mencionados, da disposição ao encontro com o outro e a prática do amor, percebe-se que o diálogo no ENCRISTUS se dá propriamente no mundo da vida, em detrimento do mundo do sistema. Por isso, para Pedro Arruda, o ENCRISTUS “mostrou na prática que o diálogo é possível, o que nos meios teológicos e nas cúpulas era considerado impensável”.⁵³ Para Habermas, o *mundo da vida* é o pano-de-fundo de uma ação comunicativa. O mundo da vida abrange o conjunto de referências da situação da ação,⁵⁴ pois os sujeitos falantes e agentes criam o contexto social da vida, direta ou indiretamente, produzindo objetos simbólicos que corporificam estruturas de conhecimento.⁵⁵ E, em um diálogo voltado para o mundo da vida o foco recai sobre o mundo

⁴⁸ REIS, Reinaldo Beserra. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 20 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁴⁹ Cf. FREIRE, 2015, p. 110-111.

⁵⁰ REIS, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁵¹ ALEIXO, Iete Nanci Pinto. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2 maio 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁵² GOMES, Benedito Carlos. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 20 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁵³ ARRUDA, Pedro. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁵⁴ Cf. HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: 2. Sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo: Martins Fontes, 2012b. p. 218.

⁵⁵ Cf. ARAGÃO, Lúcia Maria de Carvalho. *Razão comunicativa e teoria social em Jürgen Habermas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006. p. 44.

social como a totalidade das relações interpessoais e o mundo subjetivo como a totalidade das experiências à qual o falante tem acesso e pode expressar ante um público.⁵⁶

No ENCRISTUS, as pregações estão permeadas de testemunhos e relatos de vida, como já mencionado, e as falas de suas lideranças deixam claro que o objetivo do encontro são essas relações interpessoais e não as instituições religiosas, como comenta Jamê Nobre: “uma amizade muito boa, sem cobranças de nenhum dos lados, e uma clareza de que nenhum dos componentes do ENCRISTUS representam qualquer instituição, mas representa a si mesmo, nessa busca de unidade e santidade”.⁵⁷

Também Christofer Walker, no mesmo sentido, demonstra que no ENCRISTUS o relacionamento entre as pessoas é mais importante que a dimensão institucional das igrejas:

se estamos falando em diálogo doutrinário, não houve avanço, porque não tem sido este o foco. Em termos de quebrar barreiras e colocar pessoas de diferentes origens lado a lado, e descobrir que a essência de sua fé é a mesma, houve muitos avanços, porém somente em termos de relacionamentos pessoais. Não tem sido o foco tentar unir cúpulas ou estruturas institucionais.⁵⁸

Apesar do institucional, o que Habermas classificaria como mundo do sistema, não ser o foco no ENCRISTUS, o mundo do sistema não encontra-se totalmente ausente, pois, mesmo que de forma mínima, a dimensão institucional das comunidades envolvidas está ali presente e influenciando. O mundo do sistema pode ser considerado como o mundo formal, das regras, das leis, das normas.⁵⁹ No mundo da vida, a integração é mediada por valores e pela consciência dos indivíduos. Já o mundo do sistema, parte de uma lógica própria, independente dos sujeitos, na qual as ações se organizam formalmente e são determinadas por cálculos interessados.⁶⁰ A lógica do sistema traria dificuldades e limitações para a ação de alguns membros do ENCRISTUS, não das denominações que aderiram como um todo, mas daqueles independentes. Padre Douglas afirma que a principal dificuldade encontrada por ele no ENCRISTUS refere-se à resistência de membros da própria Igreja Católica:

são dificuldades encontradas mais na Igreja Católica frente a incompreensão dos que desconhecem o trabalho do que dificuldades no trabalho propriamente dito. Uma vez ou outra algum irmão do clero, ou algum fiel das nossas igrejas, desconhecendo a índole do trabalho, acaba questionando a validade dele.⁶¹

Tácito Coutinho, relata que em sua comunidade, Javé Nissi, mesmo que ele participe do ENCRISTUS, “existe uma resistência por parte dos leigos que participam da comunidade e de

⁵⁶ Cf. HABERMAS, 2012b, p. 220.

⁵⁷ NOBRE, Jamê. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 20 mar. 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁵⁸ WALKER, Christofer David. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 10 mar. 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁵⁹ Cf. BAUMGARTEN, Maria. Habermas e a emancipação: rumo à democracia discursiva?. *Teoria Social: Cadernos de Sociologia/Programa Pós-Graduação em Sociologia*, Porto Alegre, v. 10, p. 137-178, 1998. p. 150.

⁶⁰ Cf. BASTOS, 2006, p. 125-126.

⁶¹ PINHEIRO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

outras expressões, bem como da parte do clero arquidiocesano”.⁶² Também deve-se mencionar nesse ponto da dimensão institucional que mesmo que os católicos participem de modo fraterno, a Igreja Católica sempre envia representantes oficiais, como o bispo responsável pelo ecumenismo da CNBB. Além de participantes oriundos de igrejas como a Assembleia de Deus e a Quadrangular, que não possuem nenhuma autorização institucional, demonstrando que o mundo do sistema nessas igrejas impedem um relacionamento ecumênico no mundo da vida. Estes dados indicam que a fraternidade, amizade no ENCRISTUS, tão enfatizada por seus membros nas entrevistas, não está tão livre das instituições religiosas oficiais, pois estão ali presentes vistoriando e regulamentando os encontros.

Para Habermas, a ação comunicativa deve assumir um caráter emancipatório, pois, na medida em que as pessoas pensam, falam e agem coletivamente de forma racional, estão se libertando não só das formas de conceber o mundo e a si impostas pela tradição, como das formas de poder hipostasiadas pelas instituições. Dessa forma, a ação comunicativa torna-se uma maneira de combater o dogmatismo, a dominação social, enfim, qualquer forma de coação interna ou externa imposta aos sujeitos falantes e agentes.⁶³ Também para Paulo Freire o diálogo possui um caráter emancipatório, sua antropologia concebe o sujeito sempre em construção, fundamentada na consciência do inacabamento, como algo próprio da experiência vital.⁶⁴ E, o inacabamento, para Freire, pressupõe uma intersubjetividade com a diversidade dos outros: “seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em um movimento de busca. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros”.⁶⁵

Assim, os entrevistados ao serem questionados sobre o que eles têm aprendido no contato com membros de outra tradição religiosa, demonstraram que o encontro com o outro tem modificado a forma deles pensarem, que os preconceitos têm sido desfeitos por meio do conhecimento do diferente. Do lado pentecostal, encontramos respostas como: “o fervor, junto com essa abertura para a obra do Espírito Santo é o que mais me inspira nos católicos hoje”;⁶⁶ “um dos pontos que tem me inspirado é ver alguns padres que levam a vida de comunhão com Deus, fervor e santidade que é um impacto para todos”;⁶⁷ “com o contato com esses irmãos comecei a rever a abordagem sobre Maria, sobre o Pai Nosso, sobre o Credo Apostólico e até

⁶² COUTINHO, Tácito José Andrade. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2 maio 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁶³ Cf. ARAGÃO, 2006, p. 54-55.

⁶⁴ Cf. ROSA, 2015, p. 5.

⁶⁵ FREIRE, 1996, p. 57-58.

⁶⁶ GOMES, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁶⁷ BORBA, Asaph. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 17 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

mesmo sobre a comunhão (Eucaristia)”;⁶⁸ “podemos perceber a seriedade como eles tratam seus superiores. Ainda que isso reflita o institucionalismo, ao mesmo tempo mostra que eles não sentem liberdade de andar sozinhos, como os evangélicos”.⁶⁹

E do lado católico os seguintes pensamentos: “a convivência com irmãos de denominações diferentes fez com que eu visse algumas coisas que, por causa da formação que eu tive, não acreditava existir entre os ‘protestantes’ [...] ampliou meus horizontes e derrubou barreiras”;⁷⁰ “aprendi com os pentecostais a viver a experiência do batismo no Espírito Santo de forma mais livre”;⁷¹ “os evangélicos são muito mais fervorosos e aplicados à Bíblia. Essa característica me leva a me posicionar quanto ao mesmo estilo de vida e testemunho”;⁷²

Nestas falas cumpre-se um dos pressupostos do diálogo em Freire, o de que a autossuficiência é incompatível com o diálogo, de que não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há pessoas que se encontram e buscam saber mais.⁷³ Mas não há transformação pacífica. Ela é sempre conflituosa. É sempre ruptura com alguma coisa: preconceitos, hábitos, comportamentos, entre outros.⁷⁴ E como o diálogo é um processo, ainda há na mentalidade dos membros do ENCRISTUS algumas questões tradicionais de discordância entre católicos e pentecostais, como nas seguintes falas:

existem pontos divergentes, como a liderança inquestionável do Papa, e a intercessão de santos. A Idolatria a divindades humanas, quando trazidas para este conteso de unidade, atrapalham o caminhar, e, por outro lado no meio dos evangélicos a gestão de recursos e assuntos como aborto e divórcio, disseminados em alguns ambientes neopentecostais se tornam também empecilhos para os católicos.⁷⁵

Há dificuldades entre os evangélicos por causa da visão tradicional que afirma que não há católicos salvos, não há, portanto, segunda essa visão, possibilidade de comunhão entre “luz e trevas”. Do lado católico a grande dificuldade é o institucionalismo que dificulta uma comunhão aberta se essa não partir da instituição e não for abençoada por alguém que representa a instituição.⁷⁶

Respondendo como católico que sou: Muitos da minha igreja desconhecem as iniciativas e os documentos da igreja e, mesmo entre os que conhecem há resistências, pois prevalece-se uma postura monopolista do tempo do descobrimento e do império, como se a igreja católica fosse a única experiência eclesial válida diante de Deus, ignorando a realidade da conversão de homens em outras caminhadas.⁷⁷

Todavia, essas questões abordadas pelos entrevistados estão mais relacionadas ao contexto geral de católicos e pentecostais que aos participantes do ENCRISTUS. E em nenhum

⁶⁸ MARION, José Carlos. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 3 mar.2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁶⁹ NOBRE, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁷⁰ COUTINHO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁷¹ LEITE, Huanderson Silva. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁷² ARRUDA, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁷³ Cf. SANTOS, 2014, p. 6.

⁷⁴ Cf. SOARES, 2006, p. 41.

⁷⁵ BORBA, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁷⁶ NOBRE, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

⁷⁷ ARRUDA, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

momento essas falas parecem estar relacionadas a um modelo de ação estratégica, que é aquela fundamentada em uma posição egocêntrica, onde, para Habermas, “os atores estão exclusivamente orientados para o sucesso”.⁷⁸ Esta lógica busca favorecer o interesse de atores individuais ou institucionais que impõe seus planos de ação, reduzindo o outro a um instrumento para chegar aos seus objetivos.⁷⁹

Ao contrário disso, o modelo de diálogo católico-pentecostal que está se esboçando no Brasil parece mais orientando ao consenso e ao encontro, e neste sentido, mais comunicativo que estratégico. Trata-se ainda de uma tímida iniciativa que busca resgatar a espiritualidade ecumênica do movimento carismático dos anos sessenta e setenta nos EUA, mas com marcas regionais. Ele envolve um setor bem específico de membros da RCC, que possuem maior formação teológica e histórica do movimento, e comunidades de vida que já possuem como parte de seu carisma o diálogo ecumênico. Algumas denominações pentecostais também se diferem das igrejas pentecostais clássicas, por possuírem uma pré-disposição ao diálogo com outras denominações, fruto da visão de seus pastores e fundadores, mesmo que esse diálogo seja de cunho pessoal, por iniciativa de membros ou grupos com postura ecumênica. Esse modelo de ecumenismo espiritual do ENCRISTUS difere-se da tradição ecumênica latino-americana, que está mais voltada para debates doutrinários e ações sociais em comum, e incorpora os principais elementos do movimento pentecostal-carismático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de todos os dados coletados nesta pesquisa, aponta-se que não se pode dar uma resposta absoluta se o ENCRISTUS representa um maior futuro ecumênico entre católicos e pentecostais no Brasil. De um lado, sim, pois deve-se levar em consideração que há alguns germes de uma significativa mudança em diversos setores eclesiais, acadêmicos e sociais. Mudanças estas que não estão partindo de iniciativas institucionais, mas da própria vivência das pessoas. Também o ENCRISTUS, mesmo sendo um movimento eclesial, espiritual, é predominantemente de liderança leiga. Sem dúvidas, o ENCRISTUS pode ser considerado uma nova página na relação entre católicos e pentecostais no Brasil, e deve ser levado em consideração sempre que se tratar do tema. Bem como outras mudanças: um novo olhar do movimento ecumênico sobre o pentecostalismo, a participação e criação de entidades ecumênicas de pentecostais, a convivência social e acadêmica entre católicos e pentecostais. Todavia, por outro lado, do ponto de vista da expressividade e da representatividade, ainda não

⁷⁸ HABERMAS, 2003, p. 164.

⁷⁹ Cf. OLIVEIRA, 2014, p. 22.

se pode considerar um novo tempo entre católicos e pentecostais. Pois, estas iniciativas não representam a maioria de católicos nem de pentecostais, e os principais preconceitos entre católicos e pentecostais permanecem muito vivos nas bases das comunidades destas tradições – não só nas bases, mas em muitas das suas lideranças.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Lúcia Maria de Carvalho. *Razão comunicativa e teoria social em Jürgen Habermas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.
- BASTOS, Carolina Vieira R. de A; OLIVEIRA, Simone Vinhas. Ação comunicativa e ação dialógica: contribuições para uma educação libertadora. *Aprender: caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, Vitória da Conquista, a. IV, n. 7, p. 119-134, 2006.
- BAUMGARTEN, Maria. Habermas e a emancipação: rumo à democracia discursiva?. *Teoria Social: Cadernos de Sociologia/Programa Pós-Graduação em Sociologia*, Porto Alegre, v. 10, p. 137-178, 1998.
- BOFF, Leonardo. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia de esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p. 9-12.
- CARNEIRO, Izaías. Entrevista com Izaías Carneiro sobre a Conferência Somos Um. Disponível em: <http://m.issaosomosum.com.br/entrevista_izaias_carneiro/>. Acesso: 09 jul. 2017.
- CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- ENCRISTUS. Diálogo católico-pentecostal: encontro de Lavrinhas 2008. *Teologia em Questão*. Faculdade Dehoniana: Taubaté, a. 7, n. 14, p. 95-122, 2008.
- ENCRISTUS. *Encontro de Cristão na Busca de Unidade e Santidade*. Disponível em: <<http://www.encristus.com.br/dinamic/jupgrade/index.php/encristus-o-que-e>>. Acesso: 07 maio 2017.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. *Educação e sociedade*, Campinas, a. XX, n. 66, p. 125-140, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: 1. Racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: 2. Sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo: Martins Fontes, 2012b.
- IERULLO, Bruno. O fluir do Espírito na unidade do corpo. In: ENCRISTUS. *Unidade como fruto do Espírito*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2015.
- MAÇANEIRO, Marcial. *Pai... que todos sejam um: 1º encontro de irmãos evangélicos e católicos de Lavrinhas (Brasil) – 30 abril - 01 maio 2008; memória e discernimento*. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjABahUKEwic0Ln17uPIAhVHlx4KHfQ6Az4&url=http%3A%2F%2Fcombompastor.com.br%2Fsite%2Fdoc%2FMem%25C3%25B3ria%2520e%2520discernimento.doc&usg=AFQjCNFruazUimkMaqp4idZzwdajXZh8bQ&sig2=FOYK59uuwjNvZgpWDfveZw>>. Acesso: 27 jun. 2017.
- MARION, José Carlos. Os esforços pela unidade da Igreja ao redor do mundo. In: ENCRISTUS. *Bênção e vida na unidade*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2014. p. 32.

- MARION, José Carlos. Um só corpo, um só Espírito, um só Senhor. Americana: Impacto Publicações, 2016.
- MARION, José Carlos; MARION, Márcia Maria Costa. *Reconciliação, o segundo toque: a unidade do corpo de Cristo e a nova evangelização*. 2. ed. Americana: Impacto Publicações, 2014.
- MONTEOLIVA, José Maria. *O diálogo: para a construção do novo homem numa sociedade democrática*. São Paulo: Loyola, 1991.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária comunicativa*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. Teologia pentecostal dialógica. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 23-34.
- ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo?. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 122-144, 2013.
- PINTO, José Marcelino de Rezende. A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. *Paidéia*, Ribeirão Preto, fev./ago., p. 77-96, 1995.
- ROSA, Nilson Carlos da. Freire e Habermas: contribuições à reflexão da práxis educativa na contemporaneidade. In: IX Seminário Nacional Diálogos com Paulo Freire: Utopia, Esperança e Humanização, 2015.
- SANTOS, Maria de Jesus dos. A dialogicidade no pensamento de Paulo Freire e de Hans Georg Gadamer e implicações na cultura escolar brasileira. *Cadernos do PET filosofia*, Teresina, v. 5, n. 10, p. 1-11, jul-dez, 2014.
- SANTOS, Noêmia. *Por uma educação libertadora: pedagogia dialógica a partir de Paulo Freire e Juan Luis Segundo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- SOARES, Eder. *A dialogicidade freiriana na educação de jovens e adultos*. 2006. 180 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006.

ENTREVISTAS

- ALEIXO, Iete Nanci Pinto. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2 maio 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.
- ARRUDA, Pedro. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.
- BORBA, Asaph. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 17 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.
- COUTINHO, Tácito José Andrade. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2 maio 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.
- GOMES, Benedito Carlos. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 20 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.
- LEITE, Huanderson Silva. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.
- MARION, José Carlos. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 3 mar.2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.
- NOBRE, Jamê. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 20 mar. 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.
- PINHEIRO, Douglas. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 04 maio 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.
- REIS, Reinaldo Beserra. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 20 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.
- SHEA, Mike. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 19 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

WALKER, Christofer David. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 10 mar. 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.